

QUEIXA ESCOLAR E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: SUBSÍDIOS PARA INTERVENÇÕES INTERDISCIPLINARES

SCHOOL COMPLAINT AND DATA ABOUT CHILD DEVELOPMENT: SUPPORT TO INTERDISCIPLINARY INTERVENTIONS

RESUMO: Essa pesquisa objetivou relacionar a presença de queixa escolar com dados de observação do desenvolvimento de escolares em dois níveis de escolaridade (Ensino Infantil e Fundamental). A amostra foi constituída por 297 escolares, sendo 69 do ensino infantil e 228 do ensino fundamental. A queixa escolar foi obtida pela aplicação de um questionário junto aos professores. As observações nas turmas foram efetuadas por 16 semanas, uma vez por semana por aproximadamente 50 minutos. Para verificar as variáveis únicas a cada um dos grupos foi utilizado o teste de igualdade de duas proporções e o Qui-quadrado para medir o grau de relação/associação da queixa escolar com as variáveis observadas. Os relatos dos professores indicaram 24,6% crianças com queixa no ensino infantil e 35,1% no ensino fundamental. Foram citadas: ritmo lento de aprendizagem, dificuldades de atenção, audição, alterações comportamentais, dentre outras. Variáveis de agressividade e isolamento foram frequentes no ensino infantil ($p < 0,005$). No ensino fundamental, observou-se atraso sociocognitivo em 31,6% dos alunos, alterações comportamentais em 21,1%, auditivas em 10,5% e leitura logográfica em 6,1%. Em todas as variáveis exclusivas existe diferença estatisticamente significante quanto aos percentuais, mas há maiores percentuais para a ausência destes aspectos. Foi possível concluir que a queixa escolar pareceu coerente às observações efetuadas a praticamente todas as variáveis.

PALAVRAS-CHAVE: *Desenvolvimento infantil; Queixa escolar; Observação; Intervenções interdisciplinares.*

ABSTRACT: This study aimed to relate the presence of school complaint with the development observation data in two educational stages (infant and elementary). The sample was 297 students, 69 of infant schools and 228 from elementary schools. The school complaint was obtained through a questionnaire answered by teachers. The observation was done one time by week for around 50 minutes in 16 weeks. We used the test equality of two proportions and Qui-foursquare to measure the level between association of school complaint and observed variables. The answers of teachers indicated 24.6% of children in infant school and 35.1% of elementary school have many problems in classroom, as: they are slow to learn, have difficulties pay attention, hearing difficulties, behavioral changes among others. Aggressiveness and isolation were frequent in infant school ($p < 0.005$). In elementary school we observed socio cognitive retardation in 31.6% of students, behavioral changes in 21.1%, 10.5 % of the hearing difficulties and logographic reading in 6.1%. There are statistically significant differences between percentages in all variables, but percentages are bigger for absence of these variable. We concluded that school complaint seems consistent with our observations on almost all variables.

JÁIMA PINHEIRO DE OLIVEIRA¹
MARCIA ANSOLIN²
ANA PAULA ZABOROSKI³
MAEBY CASEKER CASEKER WEISS⁴

¹Pós-Doutora e Doutora em Educação; Professora Assistente Doutora do Departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Marília, SP.; Email: jaimafono@gmail.com

²Pedagoga; Mestranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Paraná; Email: marciansolin@gmail.com

³Fonoaudióloga da Secretaria Municipal de Educação de Rio Azul, Paraná; Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Paraná; Especialista em Fonoaudiologia Educacional pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFA); Fonoaudióloga clínica do consultório médico Cirurgia e Diagnóstico em Otorrinolaringologia de Irtati (CDOI), Irtati, Paraná. Email: anapaulazaboroski@yahoo.com.br

⁴Fonoaudióloga e Pedagoga; Atua na Secretaria Municipal de Educação de Contenda, Paraná; Especialista em Psicopedagogia Institucional. Email: maebycaseker@gmail.com

Recebido em: 22/12/2014
Revisado em: 25/01/2015
Aceito em: 25/03/2015

KEYWORDS: *Child development; School complaint; Observation; Interdisciplinary interventions.*

Introdução

Nosso artigo tem a pretensão de contribuir com as discussões acerca das possibilidades de intervenção interdisciplinar para favorecer o processo de desenvolvimento infantil, com foco para os anos iniciais de escolarização. A seguir, apresentaremos alguns estudos que privilegiaram a detecção precoce de risco para alterações de linguagem em escolares, ou que de algum modo contemplam essa perspectiva no ambiente escolar, seja por meio de estudos exploratórios com professores ou por meio de procedimentos de *screening*.

A preocupação com a identificação precoce de alterações de linguagem em escolares é constante em muitos estudos. Um deles¹ verificou a ocorrência de alterações de fala de origem fonética, fonológica ou fonético-fonológica em escolares e fatores a elas associados. A coleta de dados foi realizada no ano de 2001, com o sorteio de uma amostra aleatória simples por conglomerado, entre 4.950 alunos matriculados no município de Canoas (RS), resultando em 2.245 crianças pesquisadas. Os sujeitos foram submetidos ao Teste de Rastreamento de Distúrbios Articulatorios de Fala (TERDAF) que consistiu da nomeação de vinte figuras que representam todos os fonemas (sons) do português brasileiro. Os dados foram transcritos para uma ficha de avaliação que classificou a resposta para cada figura como "correta", "inadequada" ou "não reconheceu a figura". Dados relacionados à idade, sexo e escolaridade dos pais foram coletados de documentos de cada uma das secretarias das

escolas. Os dados foram analisados utilizando-se do programa EpiInfo, versão 3.3.2. A análise estatística contemplou a frequência das variáveis e sua distribuição na população estudada, além de medidas de associação, incluindo o Qui-quadrado ou razão de prevalências, com intervalos de confiança de 95%.

Os resultados indicaram prevalência de 24,6% de desordens de fala nas crianças estudadas. Foi verificado também que essa prevalência era maior em crianças de cinco a seis anos quando comparadas com as crianças com dez anos ou mais. A prevalência de alteração de fala por volta dos cinco anos de idade foi de 57% e entre oito e dez anos, 42%. A proporção de alteração de fala foi semelhante entre os sexos. As alterações se associaram ao grau de escolaridade das mães e dos pais, 79,5% e 78,6%, respectivamente, com menos de um ano de estudo.

As autoras concluíram que todas as crianças com menos de cinco anos de idade apresentaram alguma alteração de fala, mas isso pode ter relação com o próprio desenvolvimento da linguagem, pois se sabe que a maioria das crianças terá o inventário fonético concluído aos 5 anos de idade completos. A aquisição e o desenvolvimento da linguagem entre meninos e meninas parece ocorrer de forma diferente, principalmente devido à forma distinta que ocorre a interação com o meio e a forma de criação. O diagnóstico precoce de alterações de fala se justifica para evitar que tal transtorno que afeta tanto a efetividade da comunicação da criança seja postergada para a vida adulta.

Em outra pesquisa, as autoras² traçaram um perfil comunicativo (habilidades comunicativas e interacionais, compreensão verbal e aspectos do desenvolvimento cognitivo) de crianças com idade entre um e três anos, com desenvolvimento normal da linguagem, correlacionando com as variáveis de faixa etária e gênero. Participaram da análise 24 crianças (12 meninos e 12 meninas), divididas em dois grupos: Grupo 1 (G1) – crianças de um e dois anos e Grupo 2 (G2) – crianças de dois e três anos. O instrumento de avaliação utilizado foi o Protocolo de Observação Comportamental – PROC³. As pesquisadoras realizaram a filmagem das crianças em interação com o examinador, com uso de brinquedos pré-selecionados, numa primeira etapa. Num segundo momento, realizou-se uma entrevista com os pais das crianças para coleta de dados acerca da história de vida dos sujeitos. E, então, realizou-se a filmagem da interação entre pais e crianças com a presença do examinador.

Nos resultados dos dados quantitativos houve diferença estatisticamente significativa. Quando comparados os grupos por faixa etária ($P < 0,05$) verificou-se que as crianças com desenvolvimento adequado adquirem linguagem oral no segundo ano de vida, e que esse período é um tempo de rápidas aquisições quando a criança passa da produção de palavra-frase para sentenças gramaticais complexas. Por outro lado, a linguagem e a compreensão ainda estão relacionadas à sua ação, ou seja, ligadas ao contexto específico em que são proferidas. Quanto ao desenvolvimento cognitivo, a maioria das crianças está no período representativo considerando este a partir das condutas pré-

simbólicas. Na comparação dos dados qualitativos pela faixa etária as crianças do G2 foram superiores ($P < 0,05$), exceto no item compreensão da linguagem oral que se mostrou equivalente nos grupos ($P = 0,217$). Em relação ao gênero não houve diferença estatisticamente significativa, entretanto, observa-se uma superioridade feminina. No primeiro ano de vida as crianças têm condições de usar as primeiras palavras, sendo a linguagem caracterizada por enunciados de uma só palavra. Dos 18 aos 24 meses surgem enunciados de dois elementos, formando um esboço de frase e a partir dos 24 meses a criança inicia e mantém a conversação por turnos curtos. A criança atende pedidos desde muito cedo, guiada por pistas contextuais, pelo conhecimento da situação em que se encontra e pela informação linguística. As autoras concluíram que as crianças nas maiores faixas etárias tiveram resultados melhores em todos os quesitos avaliados; não houve diferença estatística entre os gêneros.

Ao analisar o perfil comunicativo de crianças de quatro e cinco anos de idade, pesquisadores⁴ evidenciaram que aquelas sem alteração comunicativa ocuparam a maior parte do espaço comunicativo, quando interagem com adulto. As autoras observaram também que estas crianças não se limitam a responder perguntas. O perfil destas crianças revelou, ainda, que o meio de comunicação predominante foi o verbal e, dentre as funções comunicativas mais utilizadas, encontravam-se as de categoria interativa (comentário e pedido de informação).

Os dados de pesquisas que descrevem o desenvolvimento típico são muito importantes para se obter um padrão e, se necessário,

realizar comparações em relação aos casos de suspeita de desvio desse padrão.

O desenvolvimento auditivo também é alvo frequente destas investigações. Num estudo⁵ realizado na rede municipal de Belo Horizonte sobre crianças com alterações auditivas, os autores tiveram como objetivo investigar os conhecimentos, percepções e práticas dos professores de educação infantil. Os professores foram questionados se já haviam trabalhado em sala de aula com crianças portadoras de deficiência auditiva e se conheciam a triagem auditiva realizada em crianças com idade escolar. Os resultados obtidos foram de que 27% trabalharam ou trabalham com crianças com deficiência auditiva em sala de aula. Destes, apenas dois (0,9%) apresentaram respostas satisfatórias quanto às características da criança surda e à conduta em sala com essa população. No que diz respeito ao conhecimento dos professores sobre triagem auditiva realizada nas escolas, 95% dos entrevistados relataram desconhecer tal procedimento. As autoras concluíram que os conhecimentos, práticas e percepções demonstrados pelos entrevistados a respeito da perda auditiva revelaram grande variação dos conceitos, atitudes e estratégias. Além disso, grande parte baseia-se em senso comum ou intuição.

De modo geral, os ambientes escolar e domiciliar parecem configurar-se como os mais naturais em relação à interação e crianças, por isso, verificamos que a maioria dos estudos privilegiam estes ambientes. Disto, podemos inferir que a família e a escola são as instituições mais importantes em todo o processo de desenvolvimento e em especial no desenvolvimento da linguagem. De modo

específico, os estudos que abordam a análise de aspectos da linguagem apontam para a necessidade de que as alterações no curso do desenvolvimento comunicativo sejam identificadas o mais precocemente possível, para que não haja prejuízos maiores em idade escolar^{6,7}.

Considerando estas exposições e tomando como suporte os ambientes domiciliar e escolar como fundamentais no processo de desenvolvimento da linguagem, a atual pesquisa objetivou relacionar a presença de queixa escolar com dados de observação em dois níveis de escolaridade.

Aspectos metodológicos

Nosso estudo apresenta uma análise de uma amostra de uma pesquisa cuja meta foi verificar a demanda fonoaudiológica em escolas municipais de uma cidade do interior do Estado do Paraná. Classificamos o estudo quanto a sua abordagem, em quantitativa, quanto ao nível da pesquisa em descritiva. As fontes principais de dados foram a observação direta dos escolares e a aplicação de questionários junto aos professores⁸.

A amostra referente a este estudo foi constituída de 297 escolares, sendo 69 do ensino infantil e 228 do ensino fundamental. Destes, 165 são do gênero masculino e 132 do gênero feminino. Em relação à idade, o ensino infantil apresentou média de 3,2 e no ensino fundamental essa média foi de 8,6. Muito embora, houvesse uma diferença grande de integrantes nos dois grupos, foi possível obter comparações estatísticas (ANOVA e Teste de Igualdade de duas Proporções) em relação à

idade e ao gênero, como pode ser observado nas Tabelas 1 e 2, a seguir:

Tabela 1: Comparação entre os grupos quanto à idade

| Idade | Fundamental | Infantil |
|---------------|-------------|----------|
| Média | 8,6 | 3,2 |
| Mediana | 9 | 3 |
| Desvio Padrão | 1,4 | 0,7 |
| Min | 6 | 2 |
| Max | 12 | 4 |
| N | 228 | 69 |
| IC | 0,2 | 0,2 |
| p-valor | <0,001 | |

Tabela 2: Comparação entre os grupos em relação à distribuição de gênero

| Gênero | Fundamental | | Infantil | | p-valor |
|-----------|-------------|-------|----------|-------|---------|
| | N | % | N | % | |
| Feminino | 96 | 42,1% | 36 | 52,2% | 0,140 |
| Masculino | 132 | 57,9% | 33 | 47,8% | |

O estudo contou com a participação de quatro instituições educacionais municipais. Destas, duas possuíam ensino infantil e duas eram apenas de ensino fundamental. Em função de não contemplar todas as instituições da cidade, a pesquisa buscou abranger escolas de regiões distintas da cidade, ou seja, do centro (uma), de bairros centrais (uma) e periféricos (duas). Além disso, foi tomado o devido cuidado em relação à seleção de diferentes portes institucionais. Um das instituições foi classificada como de grande porte, pois possuía aproximadamente 120 crianças matriculadas, enquanto as médias e pequenas contavam com aproximadamente 70 e 40 crianças matriculadas, respectivamente.

A coleta de dados da presente pesquisa se deu nas próprias instituições, contando com a autorização prévia de diretores e professores. Após a autorização da escola, os professores e os pais assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para participação voluntária no estudo.

No entanto, muitos pais não autorizaram filmagens, o que foi respeitado ao longo da coleta.

Os dados de queixa escolar foram obtidos por meio da aplicação de um questionário junto aos professores. Tratou-se de um instrumento simples com perguntas objetivas, abordando sobre presença/ausência de queixas escolares e a caracterização destas. A coleta contou ainda com a observação coletiva das crianças, em sala de aula. Essa observação foi feita ao longo de 16 semanas, em dias alternados. Cada sessão de observação durava, em média, 50 minutos e todas as turmas eram observadas pelo menos uma vez por semana. Durante essa observação, o pesquisador registrava os dados acerca de comunicação, interação social, comportamento geral, presença/ausência de hábitos orais nocivos, atenção, dentre outras categorias. Esse registro foi realizado em um protocolo elaborado para este fim, exclusivamente para este estudo.

A análise de dados buscou obter: a) Presença de queixas escolares em razão do nível de escolaridade; b) Caracterização das queixas relatadas; c) Dados de observação em relação a cada um dos grupos, a saber: Ensino Infantil e Ensino Fundamental; d) Relação entre a presença de queixa e a observação de indicadores de alterações em função do nível de escolaridade.

Esses dados foram apresentados por meio de tabelas, descritos e discutidos à luz da literatura apresentada. Além disso, foi realizada uma análise estatística, sendo que para verificar os resultados de variáveis que são únicas a cada um dos dois grupos (ensino

infantil e fundamental) foi utilizado o teste de Igualdade de Duas Proporções. Por fim, foi utilizado o teste Qui-Quadrado para medir o grau de relação e/ou associação da queixa escolar com as variáveis observadas. Esta análise foi feita em cada um dos grupos separadamente.

Resultados e Discussão

Os dados apresentados na Tabela 3 demonstram a presença de queixas escolares em razão do nível de escolaridade, as quais foram relatadas pelos professores por meio do questionário.

Tabela 3: Comparação entre grupos em relação à distribuição de queixa escolar

| Queixa escolar | Fundamental | | Infantil | | p-valor |
|----------------|-------------|-------|----------|-------|---------|
| | N | % | N | % | |
| Não | 148 | 64,9% | 52 | 75,4% | 0,105 |
| Sim | 80 | 35,1% | 17 | 24,6% | |

Nota-se que há queixas escolares tanto no ensino infantil, quanto no ensino fundamental. Entretanto, não foi observada diferença significativa entre os níveis de ensino, ou seja, não se pode inferir que há mais queixas em um ou em outro nível de ensino.

A seguir, na Tabela 4, há a caracterização das queixas relatadas pelos professores em ambos os níveis de escolaridade.

Tabela 4: Comparação entre os grupos em relação à distribuição do tipo de queixa

| Tipo de Queixa | Fundamental | | Infantil | | p-valor |
|----------------------------|-------------|-------|----------|-------|---------|
| | N | % | N | % | |
| Agressividade | 0 | 0,0% | 3 | 17,6% | <0,001 |
| Desatenção | 22 | 27,5% | 3 | 17,6% | 0,399 |
| Disacusia | 16 | 20,0% | 4 | 23,5% | 0,744 |
| Alteração de Comportamento | 14 | 17,5% | 0 | 0,0% | 0,062 |
| Isolamento | 0 | 0,0% | 1 | 5,9% | <0,029 |
| Lentidão | 20 | 25,0% | 6 | 35,3% | 0,384 |
| Atraso na alfabetização | 6 | 7,5% | 0 | 0,0% | 0,244 |

Observa-se que, em função do nível de escolaridade, há diferença significativa apenas entre duas queixas relatadas. Verifica-se um valor de $p < 0,005$ para as variáveis de agressividade e isolamento, sendo ambas frequentes no ensino infantil.

No que diz respeito às queixas mais presentes de acordo com o nível de escolaridade, no ensino infantil identifica-se a presença da queixa de lentidão (35,3%), seguida, respectivamente, das queixas de audição (23,5%), atenção (17,6%) e agressividade (17,6%). Já no ensino fundamental, constata-se queixa diante da atenção (27,5%), lentidão (25%), audição (20%) e comportamento (17,5%).

Apesar de em nosso estudo, estas queixas não apresentarem relação significativa entre os níveis de escolaridade, identifica-se que dentre as queixas mais presentes, três delas são relatadas pelos professores em ambos os níveis, sendo elas: atenção, audição e lentidão. Outros estudos também revelam a presença de alterações auditivas em escolares. Determinados estudos apontam algumas alterações auditivas enquanto fatores associados às alterações de fala e/ou linguagem. Alguns autores⁹ citam que as

privações sensoriais causadas por fatores ambientais, como a privação cultural ou a falta de estímulos auditivos, e as perdas auditivas podem prejudicar o desenvolvimento de fala e linguagem. Afirmam também que as habilidades do processamento auditivo de analisar e interpretar os estímulos sonoros; localizar e memorizar sons são fundamentais nesse processo. Essas habilidades auditivas de percepção da fala fazem parte dos aspectos sensoriais necessários para o processo de aquisição da fala. Num estudo¹⁰ desenvolvido com crianças de 3 a 10 anos de idade que apresentavam desvio fonológico, observaram que apenas 15% das crianças não tinham história de otite e/ou alteração respiratória, sendo que as demais apresentaram uma ou as duas alterações.

Os dados de observação coletiva das crianças realizada em sala de aula serão apresentados em relação a cada um dos níveis de ensino por meio das Tabelas 5 e 6. Primeiramente, apresentam-se as variáveis observadas referentes ao ensino infantil e, em seguida, referentes ao ensino fundamental.

Ensino Infantil

Tabela 5: Distribuição de variáveis mais frequentes no Ensino Infantil

| Infantil | Ausência | | Presença | | p-valor |
|----------------------------|----------|-------|----------|-------|---------|
| | N | % | N | % | |
| Atraso neurossensoriomotor | 47 | 68,1% | 22 | 31,9% | <0,001 |
| Ceceio | 63 | 91,3% | 5 | 7,2% | <0,001 |
| Sialorréia frequente | 63 | 91,3% | 6 | 8,7% | <0,001 |
| Rouquidão | 63 | 91,3% | 6 | 8,7% | <0,001 |
| Hábito de gritar | 63 | 91,3% | 6 | 8,7% | <0,001 |

Observa-se na Tabela 5 que no ensino infantil o atraso neurossensoriomotor foi a categoria mais frequente nas observações,

sendo identificada em 31,9% das crianças. Outras pesquisas identificaram a presença do ceceio ou alterações na fala como alteração mais frequente, a qual em nosso estudo foi a

que apresentou menor prevalência. Em uma pesquisa¹¹ sobre a prevalência de alterações de fala em escolares de 1ª a 4ª série foi de 37,1%. As alterações mais encontradas foram as distorções articulatórias, ocorrendo em 35,8% das crianças, dentre as quais estava presente o ceceo anterior, distorção do fonema /r/ e do grupo consonantal com /r/. Outra análise¹² realizada com crianças de 5 a 12 anos de idade, indicou prevalência de alterações de fala em 24,6% da população pesquisada. Outros estudos¹ também indicaram prevalência de 24,6% de desordens de fala nas crianças estudadas.

Numa pesquisa¹³ conduzida com crianças de 5 a 9 anos de idade, os pesquisadores constataram que 39,4% das crianças apresentavam alterações na motricidade orofacial, 32,4% no processamento auditivo e 26,8% na fala. Em estudo posterior, Rabelo (2010) verificou em crianças de 1ª a 4ª série que 44,8% delas apresentaram algum tipo de alteração fonoaudiológica, sendo a prevalência de alterações de fala de 31,9%, processamento auditivo 17,7% e motricidade orofacial 14,9%.

Ensino Fundamental

Tabela 6: Distribuição de variáveis mais frequentes no Ensino Fundamental

| Fundamental | Ausência | | Presença | | p-valor |
|--------------------------------------|----------|-------|----------|-------|---------|
| | N | % | N | % | |
| Indicadores de atraso sociocognitivo | 156 | 68,4% | 72 | 31,6% | <0,001 |
| Alterações de comportamento | 180 | 78,9% | 48 | 21,1% | <0,001 |
| Disacusia | 204 | 89,5% | 24 | 10,5% | <0,001 |
| Leitura logográfica | 214 | 93,9% | 14 | 6,1% | <0,001 |

No ensino fundamental, por sua vez, a categoria de observação mais frequente, foi indicadores de atraso sociocognitivo, sendo identificada em 31,6% das crianças.

A relação entre a presença de queixa relatada pelos professores e a observação

coletiva, em sala de aula, de indicadores de alterações em função do nível de escolaridade é apresentada por meio das Tabelas 7 e 8. Da mesma forma, primeiramente, apresenta-se a relação para o ensino infantil e, em seguida, para o ensino fundamental.

Ensino Infantil

Tabela 7: Relação e/ou associação entre queixa com demais variáveis no Ensino Infantil

| Infantil | | Não | | Sim | | Total | | p-valor |
|---|-----|-----|-----|-----|-----|-------|-----|---------|
| | | N | % | N | % | N | % | |
| Alterações de interação | Não | 49 | 94% | 8 | 47% | 57 | 83% | <0,001 |
| | Sim | 3 | 6% | 9 | 53% | 12 | 17% | |
| Atraso de linguagem | Não | 43 | 83% | 4 | 24% | 47 | 68% | <0,001 |
| | Sim | 9 | 17% | 13 | 76% | 22 | 32% | |
| Indicadores de atraso neurossensoriomotor | Não | 43 | 83% | 4 | 24% | 47 | 68% | <0,001 |
| | Sim | 9 | 17% | 13 | 76% | 22 | 32% | |
| Ceceio | Não | 49 | 94% | 14 | 82% | 63 | 91% | 0,367 |
| | Sim | 3 | 6% | 2 | 12% | 5 | 7% | |
| Hábito de gritar | Não | 50 | 96% | 13 | 76% | 63 | 91% | 0,012 |
| | Sim | 2 | 4% | 4 | 24% | 6 | 9% | |
| Rouquidão | Não | 51 | 98% | 12 | 71% | 63 | 91% | <0,001 |
| | Sim | 1 | 2% | 5 | 29% | 6 | 9% | |
| Sialorreia frequente | Não | 49 | 94% | 14 | 82% | 63 | 91% | 0,131 |
| | Sim | 3 | 6% | 3 | 18% | 6 | 9% | |

No grupo de crianças do ensino infantil verifica-se que há relação estatística significativa entre praticamente todas as queixas relatadas pelos professores e as variáveis observadas em sala de aula. A relação não foi constatada somente entre as variáveis de indicadores de ceceio, hábito de falar gritando e sialorreia frequente.

Ensino Fundamental

Tabela 8: Relação e/ou associação entre queixa com demais variáveis no Ensino Fundamental

| Fundamental | | Não | | Sim | | Total | | p-valor |
|-----------------------------|----------|-----|-----|-----|-----|-------|-----|---------|
| | | N | % | N | % | N | % | |
| Disacusia | Ausente | 140 | 95% | 64 | 80% | 204 | 89% | <0,001 |
| | Presente | 8 | 5% | 16 | 20% | 24 | 11% | |
| Alterações de comportamento | Ausente | 130 | 88% | 50 | 63% | 180 | 79% | <0,001 |
| | Presente | 18 | 12% | 30 | 38% | 48 | 21% | |
| Alterações de interação | Ausente | 130 | 88% | 54 | 68% | 184 | 81% | <0,001 |
| | Presente | 18 | 12% | 26 | 33% | 44 | 19% | |
| Atraso cognitivo | Ausente | 138 | 93% | 18 | 23% | 156 | 68% | <0,001 |
| | Presente | 10 | 7% | 62 | 78% | 72 | 32% | |
| Atraso de linguagem | Ausente | 130 | 88% | 18 | 23% | 148 | 65% | <0,001 |
| | Presente | 18 | 12% | 62 | 78% | 80 | 35% | |
| Leitura logográfica | Ausente | 144 | 97% | 70 | 88% | 214 | 94% | <0,003 |
| | Presente | 4 | 3% | 10 | 13% | 14 | 6% | |

Nesta mesma perspectiva, no grupo de crianças do ensino fundamental verifica-se que há relação estatística significativa entre praticamente todas as queixas relatadas pelos professores e as variáveis observadas em sala de aula. A relação não foi constatada em apenas uma das variáveis, a qual diz respeito ao indicador de leitura logográfica. Neste grupo vamos exemplificar a relação de queixa escolar com atraso de linguagem: nota-se que entre os escolares que não têm queixa, 88% deles não têm atraso de linguagem e que dentre aqueles com queixa escolar, 78% possuem atraso de linguagem. Isso nos indica que a queixa escolar mostra-se coerente em relação às observações que foram feitas, relacionadas a praticamente todas as variáveis.

Em uma análise¹⁴ realizada com escolares de idade variando entre sete e nove anos, também foi demonstrada associação entre queixa e dados de observação. Estes autores pesquisaram o desempenho em leitura e escrita de 28 escolares, sendo que todos foram encaminhados pela professora com queixa de trocas na fala. Os resultados demonstraram que 85% dos escolares da 1ª série, 75% dos escolares da 2ª série e, 57% da 3ª série apresentaram transtorno fonológico tanto na oralidade como na leitura e escrita; sendo que 100% dos escolares da 4ª série apresentaram alterações fonológicas somente em leitura e escrita.

Em nossa pesquisa, apesar de haver relação estatística significativa entre praticamente todas as queixas relatadas pelos professores e as variáveis observadas em sala de aula, verifica-se que estas não correspondem à prevalência das

variáveis/alterações identificadas em outras pesquisas. Todavia, identificamos as variáveis apontadas nas outras pesquisas, porém em menor prevalência. Desta forma, os resultados obtidos em nossa pesquisa corroboram com as afirmações de alguns pesquisadores ao comentarem que todas estas alterações fonoaudiológicas podem provocar sérios problemas na vida das crianças como desajustes sociais, dificuldades escolares, dificuldades de relacionamento interpessoal e atrasos no desenvolvimento^{15,16}. Em uma destas pesquisas relacionada a estes fatores, a autora¹⁶ concluiu em sua pesquisa realizada com crianças de 1ª a 4ª série que as associações entre as alterações fonoaudiológicas sugerem que uma alteração pode ser consequência de outra, com agravamento do quadro inicial, apontando para a necessidade de diagnóstico e intervenções precoces, além de investigação dos fatores de risco.

Conclusões

Os dados obtidos neste estudo permitiram as seguintes conclusões: Há queixas escolares tanto no ensino infantil quanto no ensino fundamental, porém não foi observada diferença significativa entre os níveis de ensino; Os dados de observação coletiva das crianças, realizada em sala de aula, demonstraram que a categoria mais frequente nas observações no ensino infantil foi o atraso neurossensoriomotor e, no ensino fundamental foram os indicadores de atraso sociocognitivo; Constatou-se que há, em função de ambos os níveis de escolaridade, relação estatística significativa entre praticamente todas as queixas relatadas

pelos professores e as variáveis, observadas em sala de aula, de indicadores de alterações.

O acolhimento da queixa escolar e a verificação da mesma favorecem o reconhecimento precoce das alterações presentes no desenvolvimento infantil e escolar. Consequentemente, intervenções adequadas, voltadas a estes aspectos, puderam ser desenvolvidas para reduzir ou minimizar as alterações identificadas, bem como, as interferências advindas das mesmas em outras áreas e aspectos do desenvolvimento e da vida das crianças.

Para promover o desenvolvimento infantil, com foco para os aspectos socioescolares é fundamental que as intervenções adequadas ocorram não apenas no ambiente escolar, mas também, no ambiente familiar. Estes ambientes estão intimamente relacionados à aprendizagem escolar, principalmente, se considerarmos o processo de aprendizagem ligado a um processo global de crescimento e desenvolvimento de novas habilidades, adquiridas de acordo com as experiências e incentivos oferecidos pelo ambiente, pelas condições individuais e pela estrutura familiar. Neste contexto e, considerando todos os fatores envolvidos nesse processo é possível ocorrer intervenções interdisciplinares adequadas, a partir do contato e interação entre profissionais da área da saúde e da educação, bem como, os pais dos escolares.

Referências

1. Lewis BA, Freebairn LA, Taylor HG. Academic outcomes in children with histories of speech sound disorders. *J Commun Disord.* 2012; 33 (1): 11-30.
2. Sandri MA, Meneghetti SL, Gomes E. Perfil comunicativo de crianças entre 1 e 3 anos com desenvolvimento normal de linguagem. *Rev CEFAC.* 2009; 11 (1): 34-41.
3. Zorzi JL, Hage SRV. *Protocolo de observação comportamental: avaliação de linguagem e aspectos cognitivos infantis.* São José dos Campos (SP): Pulso editorial. 2004.
4. Cervone LM, Fernandes FDM. Análise do perfil comunicativo de crianças de 4 e 5 anos na interação com o adulto. *J Soc Bras Fonoaudiol.* 2005; 10 (2): 97-105.
5. Silva DRC, Santos LM, Lemos SMA, Carvalho SAS, Perin RM. Conhecimento e práticas de professores de educação infantil sobre crianças com alterações auditivas. *J Soc Bras Fonoaudiol.* 2010; 15 (2): 197-205.
6. Schirmer C, Fontoura DR, Nunes ML. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. *J Pediatr.* 2004; 80 (2): 95-103.
7. Oliveira JP, Oliveira RTO, Bougo GC, Zaboroski AP, Schier AC. Perfil comunicativo de crianças que ingressaram na educação infantil após os cinco anos de idade. *Rev Bras Promo Saúde (UNIFOR. Impresso).* 2010; 23(1): 160-167.
8. Gil ACG. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5 ed. São Paulo: Atlas. 1999.
9. Caumo DTM, Ferreira MIDC. Relação entre desvios fonológicos e processamento auditivo. *J Soc Bras Fonoaudiol.* 2009; 14 (2): 234-240.
10. Wertzner HF, Oliveira MMF. Semelhanças entre os sujeitos com distúrbio fonológico. *Pró-Fono R. Atual. Cient.*. 2002; 14 (2): 143-152.
11. Silva MR, Cãnedo LB, Marchesan IQ. Alterações de fala em escolares do ensino fundamental: ocorrência, identificação e condutas adotadas. *Anais do 16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia.* Campos do Jordão (SP). 2008. Disponível em: <http://www.sbfa.org.br/portal/anais2008/pg.php>
12. Goulart BNG, Chiari BM. Prevalência de desordens de fala em escolares e fatores associados. *Rev Saúde Públ.* 2007; 41 (5): 726-731.
13. Rabelo ATV, Friche AAL. *Prevalência de alterações fonoaudiológicas em crianças de 5 a 9 anos de idade de escolas particulares*

[trabalho de conclusão de curso]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Curso de Fonoaudiologia. Departamento de Otorrinolaringologia, Oftalmologia e Fonoaudiologia. 2006.

14. Salgado C, Capellini AS. Desempenho em leitura e escrita de escolares com transtorno fonológico. *Psicologia Escolar e Educacional*. 2004; 8(2): 123-134.

15. Wertzner HF, Lins L. Distúrbios da Linguagem. In: Sucupira, ACSL. *Pediatria em Consultório*. 4ª ed. São Paulo: Sarvier. 2000.

16. Rabelo ATV. *Prevalência de alterações fonoaudiológicas em crianças de 1º a 4º série de escolas públicas da área de abrangência de um centro de saúde de Belo Horizonte*. [Dissertação de mestrado]. Belo Horizonte: Programa de Mestrado Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.